

Redes de memória e efeitos de sentido em discursos sobre telenovelas no gênero comentário *online*

Network of memories and sense effect in online commentaries genre soap opera discourse

Francisco Vieira da Silva*
Éderson Luís da Silveira**

Resumo: Este trabalho se inscreve no quadro teórico da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD) e procura descrever/interpretar os efeitos de sentido e as redes de memória que emergem dos discursos sobre telenovelas, a partir dos enunciados presentes no gênero comentário *online* sobre notícias publicadas no *site* do jornal Folha de São Paulo. Desse modo, procuramos investigar de que forma os enunciados que versam sobre a temática da telenovela atualizam outros enunciados, dialogam com outros dizeres, de modo a demarcar a heterogeneidade do discurso. Nesse aspecto, pautamo-nos teoricamente nas discussões sobre discurso, sentido e memória discursiva suscitadas por Pêcheux (1988; 1999; 2006) e no conceito de enunciado postulado por Foucault (2010). Além disso, no intuito de contextualizar nosso gesto de leitura, dialogaremos com as pesquisas que tomam a telenovela como objeto de estudo, mais especificamente as reflexões teórico-analíticas de Junqueira (2009) e Lopes, Borelli e Resende (2002). Os resultados revelam que o leitor, ao enunciar discursivamente sobre a temática da telenovela, traz à tona diferentes vozes oriundas da memória discursiva que elucidam, portanto, a natureza heterogênea dos discursos produzidos.

Palavras-chave: memória; efeitos de sentido; gênero comentário *online*.

Abstract: This paper is related to French Analysis Discourse Theory (from now on FADT). It tries to describe/interpret the sense effects and network of memories that emerge from soap opera discourse, from utterances presented in online commentaries about news published in Folha de São Paulo newspaper website. Thus, this work intends to investigate the way utterances that verse about soap opera theme update other utterances, talk to other utterances in a way that highlight the discourse heterogeneity. In this aspect, this paper is related to a discussion about discourse, sense and discursive memory suggested by Pêcheux (1988; 1999; 2006); and Foucault (2010). Moreover, with the purpose of contextualizing a particular reading gesture, this work studies other researches that understand soap operas as the study object, especially the analytical-theoretical reflections from Junqueira (2009), Lopes, Borelli and Resende (2002). Results reveal that (the) reader, when discursively enunciating about soap operas, establishes different voices coming from discursive memory which confirm the heterogenic nature of the produced discourses.

Keywords: Memory; Sense Effects; Online Commentaries Genre.

*Olhando a estrela azul
Azul da cor do mar
Comédia comum ou drama vulgar
A vida a passar
A vida sempre a passar
Passar...
(Zeca Baleiro)*

* Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da UFPB.

** Graduando do curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande, membro do Núcleo de Estudos em Língua Portuguesa da FURG - RS.

Introdução

Em *A Farmácia de Platão*, Derrida (2005, p.7) compreende que um texto só é um texto se ele ocultar, ao primeiro encontro, a lei de sua composição e as regras de seu jogo. Esse jogo de (des)velar os sentidos de que fala Derrida (2005, p.7) também vale, em parte, para os enunciados, entendidos aqui como a unidade do discurso, tendo em vista que os enunciados são caracterizados como sendo não visíveis, ainda que não totalmente ocultos (FOUCAULT, 2010, p.127). Isso significa entender que tanto o texto quanto o enunciado são caracterizados por não exibir todas as suas nuances, todos os efeitos de sentido e as redes de memória que encerram. Porém, o enunciado também não esconde tudo numa camada subterrânea das significações, pois o sentido emerge das discontinuidades, das fissuras inerentes aos discursos, num espesso pingue-pongue entrelaçado nos intermitentes movimentos de mostrar e esconder. Assim, os enunciados e, por extensão, os discursos, são práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se refutam e se excluem.

Levando em consideração os aspectos anteriormente discutidos, objetivamos direcionar um gesto de leitura em torno dos enunciados provenientes de comentários *online* sobre as telenovelas brasileiras, a fim de descrevê-los e interpretá-los, na tentativa de evidenciar o trajeto social dos sentidos que emergem da tessitura discursiva e denotam a relação que os enunciados estabelecem com o já-dito, com a memória discursiva que norteia os dizeres e os inscrevem na história. Neste contexto, partimos da seguinte questão de pesquisa: ao dissertar sobre a temática da telenovela, que já-ditos os leitores do jornal Folha de São Paulo mobilizam para a constituição dos seus discursos?

As telenovelas brasileiras são reconhecidas mundialmente, o que torna o país um dos principais produtores/exportadores do gênero televisivo em questão. Todavia, subsiste uma série de posicionamentos que relativizam a importância desse produto midiático, na medida em que se alardeia a perniciosa influência que a telenovela exerce sobre a cultura e a identidade dos brasileiros. (MAYER, 2010, p.27). Há os que defendem com veemência que a telenovela incita a violência e a erotização infanto-juvenil e feminina, bem como “deseduca” (no sentido de alienar) a população, devido à obviedade dos enredos e às fórmulas consagradas e imutáveis (sic) que caracterizam a referida teledramaturgia.¹

¹ A esse respeito, ver Junqueira (2009).

Interessa-nos, a partir de uma abordagem discursiva, evidenciar como o sujeito do gênero comentário *online* tece os seus dizeres e os vincula aos diversos posicionamentos sociais e ideológicos existentes acerca do objeto sobre o qual dissertam. Para tanto, a escolha do gênero comentário *online* deu-se em função deste preservar, em certa medida, o anonimato daquele que escreve, de modo que possa expressar-se sem o anseio de preservar a face² ou lançar mão de outros mecanismos do tipo. Na análise aqui empreendida, procuraremos contextualizar as condições de produção dos discursos que atravessam os enunciados referentes às telenovelas, haja vista a necessidade de articulá-los com a notícia que os embasa, já que o leitor, na maioria das vezes, direciona seus comentários para a notícia ou para outros comentários sobre essa notícia.

A possibilidade do anonimato, dessa forma, estimula os sujeitos a dizerem o que pensam, sem se preocuparem, *a priori*, com que os demais vão pensar. Isso reflete sobremaneira na forma como esse sujeito dialoga com outros dizeres, como também reforça certos estereótipos e (pre) conceitos. A presente investigação pode ser classificada como sendo uma pesquisa descritiva/interpretativa de abordagem qualitativa, cujo *corpus* é formado por enunciados presentes no gênero comentário que tratam de notícias publicadas sobre telenovelas no *site* da Folha de São Paulo nos meses de outubro e novembro de 2012.

No tópico seguinte, discutiremos alguns pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (doravante AD), com ênfase nos conceitos de memória discursiva; efeitos de sentido; enunciado e arquivo, que serão mobilizados na leitura do discurso sobre as telenovelas.

Domínios de memória e efeitos de sentido na descrição/interpretação de enunciados

Conforme aponta Malidier (2003, p.96), o sentido se forma na história através do trabalho de memória, na incessante retomada do já-dito. A partir disso, podemos compreender que a memória é responsável por dotar o discurso de uma historicidade que o constitui. É por meio da memória discursiva que o sujeito encontra saberes que dão coerência ao seu dizer, tendo em vista a vinculação a outros dizeres, a outras vozes.

O funcionamento do discurso se inscreve, de acordo com o que defende Pêcheux (2006, p.54), no entrecruzamento da estrutura/materialidade linguística com o acontecimento, com a historicidade intrínseca a toda produção discursiva. Assim, “a ordem da língua e da

² Sobre essa questão, cf. Goffman (1987).

história, em sua articulação e seu funcionamento, constituem a ordem do discurso.” (ORLANDI, 2007, p. 12). Se não fosse a memória discursiva, não seria possível a ligação necessária entre o real da língua e o real da história e, por conseguinte, a produção de sentidos.

O conceito de memória discursiva insere-se nos estudos da AD em meados dos anos 80, quando se esboça certa aproximação entre os estudos de Foucault e de Pêcheux, e mais precisamente quando este último começa a compactuar com os pressupostos teóricos de autores da chamada Nova História (Nora (1981), Le Gof (2003), entre outros). Nesse contexto, Pêcheux (2006, p.13) entende que a memória discursiva restabelece os “implícitos”, ou seja, os pré-construídos, os discursos transversos de que a leitura de um texto (e, por extensão, de um discurso) necessita. Contudo, não se trata de uma memória psico-fisiológica, mas sim de efeitos de uma memória social, histórica e coletiva de produção de sentidos possíveis. Esses efeitos de memória “tanto podem ser de lembrança, de redefinição, de transformação quanto de esquecimento, de ruptura, de denegação do já-dito.” (BRANDÃO, 2004, p. 99).

A memória discursiva relaciona-se de forma estreita com a ideia de interdiscurso, definida por Pêcheux (1988, p.156) como aquilo que fala antes, alhures e independentemente. O interdiscurso ativa uma memória discursiva diante da qual o enunciado faz/produz sentido, ou seja, “o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que as minhas palavras façam sentido, é preciso que elas já façam sentido.” (ORLANDI, 2000, p. 33). Além disso, é por meio da memória discursiva que se torna possível a toda formação discursiva (aquilo que define o que pode e deve ser dito) fazer circular formulações anteriores, já enunciadas.

O conceito de interdiscurso introduzido por Pêcheux não se confunde com o de *intertextualidade* derivado das abordagens bakhtinianas, pois existe no primeiro uma relação com a noção de *pré-construído* advindo dos estudos do próprio Pêcheux em parceria com P. Henry (2003). De forma contígua ao conceito de interdiscurso, deve-se conceber o espectro do intradiscurso, este se define como o funcionamento do discurso com relação a si mesmo (o que eu digo agora, em relação ao que eu disse antes e ao que eu direi depois – PÊCHEUX, 1988, p.166).

O intradiscurso se encontra no fio do discurso, na horizontalidade/formulação do dizer, ao passo que o interdiscurso reside na memória discursiva, nos saberes construídos e já esquecidos, no eixo vertical do dizer e que preside a constituição desse dizer. (COURTINE, 1985, *apud* ORLANDI, 2006, p.21). Em outros termos, o interdiscurso seria o lugar em que o

sujeito enunciador encontra os subsídios necessários para conferir coerência ao seu dizer, tendo em vista a articulação desses subsídios no nível da formulação, mais especificamente na materialidade discursiva.

Diante do exposto, vale salientar que, subjacente às proposições foucaultianas acerca da análise do enunciado, é possível vislumbrar indícios que nos remetem à memória discursiva, tal como a concebemos neste artigo. Segundo Foucault (2010, p.111), uma análise enunciativa deve levar em conta que:

- o enunciado é constituído pela série de outras formulações, no interior das quais se inscreve;
- o enunciado constitui-se, ainda, pelo conjunto de formulações a que se refere (implicitamente ou não) seja para repeti-las, modificá-las, adaptá-las, seja para se contrapor a elas, seja para falar de cada uma delas; assim, o enunciado acaba por reatualizar outros enunciados;
- o enunciado relaciona-se com o conjunto de formulações cuja possibilidade ulterior é por ele propiciada, através de uma réplica, de uma filiação, por exemplo.
- por fim, ele é constituído pelo conjunto das formulações em relação às quais se apagará, ou será preservado, conforme as contingências sócio-histórias nas quais esse enunciado foi engendrado.

Dessa maneira, cabe ao analista de discurso considerar os jogos enunciativos que provêm do fato de o enunciado “ter as margens povoadas por outros enunciados.” (FOUCAULT, 2010, p. 112). Isso pressupõe tomar o enunciado no espaço discursivo em que se realiza, levando em consideração as regras que permitiram a sua aparição. É nesse ponto que a memória discursiva intervém, uma vez que a produção de sentidos do enunciado está em consonância com as redes de memória que ele atualiza. Segundo Silva (2010, p.73), considerar o enunciado como parte de uma série significa admitir sua relação com outros enunciados que o precedem e o seguem, ou seja, tomá-lo como pertencente a um domínio associado que lhe impõe relações possíveis com um passado e que abre um futuro eventual.

Para que possamos apreender a vinculação dos enunciados com a memória que os constituem, Foucault (2010, p.147) propõe a noção de arquivo. Tal noção ganha relevância para os estudos da AD, uma vez que por meio dela é possível vislumbrar as regras de uma prática discursiva numa dada conjuntura sócio-histórica. Assim, “entre a tradição e o esquecimento, ele [o arquivo] faz aparecerem as regras de uma prática que permite aos enunciados subsistir, e ao mesmo tempo, se modificarem regularmente.” (FOUCAULT, 2010, p.150).

É preciso esclarecer que a noção de arquivo aqui esboçada não se aproxima da ideia de arquivo como uma soma de textos de determinada cultura, o que nos remete aos documentos de diferentes povos que foram preservados ao longo do tempo e que se encontram atualmente disponíveis em museus e outros centros do patrimônio histórico, isto é, os enunciados conservados por uma via arquivística (SARGENTINI, 2007, p.216). Na concepção de Foucault (2010, p.147), o arquivo é entendido como a lei da enunciabilidade, isto é, as múltiplas condições que fazem com que determinados discursos produzidos há tanto tempo não sejam esquecidos, mas sejam paulatinamente postos em cena por outros discursos, no intuito de refutá-los ou confirmá-los.

O conceito de arquivo produz inflexões importantes sobre a forma de organização e seleção do *corpus* nas pesquisas erigidas no campo da AD. Há um redimensionamento do *corpus* discursivo, a partir das pesquisas de J. J. Courtine, nos anos 80. Para esse autor, o *corpus* antes era entendido como um conjunto de sequências discursivas dadas *a priori*. Com a noção de *forma de corpus*, Courtine (1981, p.150) concebe o *corpus* na sua relação com as configurações do arquivo, fazendo com que o analista do discurso procure investigar o lugar discursivo ocupado por um dado acontecimento discursivo no âmbito de um determinado arquivo.

Na seção seguinte, apresentaremos o gesto de leitura lançado sobre o *corpus*, com vistas a articular as noções antes discutidas com os dizeres sobre as telenovelas enunciados pelos sujeitos produtores do comentário *online*.

“Deus nos livre e guarde”³: uma análise dos discursos sobre as telenovelas

Antes de delinear o nosso gesto de leitura, convém tecermos algumas considerações a respeito do gênero comentário *online*, uma vez que é por meio dele que a produção discursiva sobre as telenovelas se efetuou. Em linhas gerais, entendemos que o comentário *online* estabelece uma relação de dependência com o gênero que tornou possível a sua existência, qual seja: a notícia. Assim, a emergência do comentário *online* perfila-se a partir dos elementos que aparecem na notícia. Além disso, os comentários produzidos também suscitam a possibilidade de uma réplica, facilitando, pois, uma interação constante entre os enunciados que são veiculados pela mídia digital.

³ Enunciado retirado de um dos excertos que compõem o *corpus*.

Selecionamos comentários acerca de notícias que, de algum modo, tratavam das telenovelas. Tais notícias enfocavam aspectos como a audiência, a relação entre a telenovela e a vida pessoal dos atores, bem como a comparação entre elementos presentes em novelas distintas, como o caso da boate em que se apresentam as mulheres traficadas da novela *Salve Jorge*⁴ (Glória Perez) com o famoso prostíbulo de *Grabiela*⁵ (adaptação do romance *Gabriela, cravo e canela* de Jorge Amado por Walcyr Carrasco).

Tendo em vista a noção de arquivo anteriormente discutida e no intuito de contextualizarmos os discursos sobre a televisão (com ênfase na telenovela) analisaremos a seguir os enunciados presentes numa cena da telenovela *Tieta* (1989/1990)⁶, em que a personagem Perpétua (Joana Fomm) convida os moradores da cidade (Santana do Agreste) para protestarem contra a chegada da televisão, tendo em vista as consequências danosas acarretadas por tal veículo na moral e nos “bons costumes” daquela população. A cena se passa em frente à igreja da cidade. A personagem Perpétua, na condição de viúva recatada, usa a cor preta em todas as suas vestes, inclusive no guarda-chuva que carrega, e que utiliza como uma espécie de cajado, movimentando-o de maneira brusca, com objetivo de chamar a atenção dos presentes. Abaixo transcrevemos um trecho da referida cena.

Perpétua: Num deixe tapiar vocês! Esse sonho aí (aponta com o guarda-chuva em direção ao público) num é sonho não, é pesadelo!⁷ Pesadelo de sem-vergonhice... Eu lutei a minha vida intera pelos bons costumes dessa cidade! Daqui a pouco seus fi vão ficar rebolano pelas praça imitano televisão, vão tá cantano música sacrilíca! Esses apareio maldito são coisa do Demo! Vão disintegrar as família, seus filhos vão ficar ouvino o que ele diz e vão fazer ouvido moco pra verdade que nós ensinamos! Por isso (em tom de gritaria) que venho aqui pra convocar vocês pruma macha! Uma macha pra mostrá publicamente o nosso repúdio!

Bafo de bode: (ri) Tribufu!

Perpétua: Uma macha contra esse apareio maldito que vem desagregar as família,

⁴ Novela brasileira produzida pela Rede Globo e exibida desde 22 de outubro de 2012. A novela está sendo escrita por Glória Perez e conta com a direção de Fred Mayrink e Marcos Schechtman, conforme consta no site oficial da trama: <http://tv.globo.com/novelas/salve-jorge/index.html>.

⁵ Novela brasileira produzida pela Rede Globo e exibida entre 18 de junho e 26 de outubro de 2012. A trama constitui uma adaptação do romance *Gabriela, cravo e canela* (Jorge Amado) e foi escrita por Walcyr Carrasco. Informação disponível em: <http://tv.globo.com/novelas/gabriela/index.html>.

⁶ Novela brasileira produzida pela Rede Globo e exibida entre 14 de agosto de 1989 e 31 de março de 1990. Livre adaptação do romance *Tieta do Agreste* de Jorge Amado, a novela foi escrita por Aguinaldo Silva, em parceria com Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares. (REDE GLOBO, 2010).

⁷ O sonho a que a personagem se refere atrela-se a um estratagema planejado pela personagem *Tieta* (Betty Faria) para introduzir a televisão na cidade. Tratava-se de um caminhão no qual estava inscrito os dizeres “a arca dos sonhos.” Durante certo período da trama, esse caminhão aguçou a curiosidade dos moradores da cidade, pois todos queriam saber o que tinha dentro do veículo. Posteriormente, foi revelado o conteúdo do veículo: vários aparelhos de TV ligados ao mesmo tempo.

esses apareio que exhibe os corpos nus, incitando ao deboche e a lascívia... (Em seguida, o público se dispersa aos poucos. Perpétua fica indignada com tal atitude e implora desesperadamente que a escutem.) (LINHARES, MORETZSOHN & SILVA [1989] 2012).

Na fala da personagem de Joana Fomm perpassa a ideia de que a televisão e, por extensão, a telenovela acaba se configurando como algo perigoso, que deturpa e “desagrega as família”. Daí, a necessidade de realizar uma marcha de repúdio à TV. Nesse ínterim, a personagem inscreve seu dizer no âmbito do discurso religioso, quando, de certa forma, afirma que os aparelhos de televisão estão vinculados a uma suposta influência demoníaca, a qual irá expor a população às músicas sacrílicas e aos corpos nus. A despeito do insulto de Bafo de Bode (Benvindo Siqueira), morador de rua que vez por outra aparece nessa narrativa teledramatúrgica e constitui um observador astuto dos acontecimentos da história, Perpétua prossegue no seu objetivo de convencer a população para aderir à marcha, embora não logre êxito. Em síntese, ressoa do discurso dessa personagem a ideia de que a televisão representa uma afronta aos costumes preconizados pela família, aqui concebida no modelo da tradição cristã.

Podemos entender que no arquivo referente aos discursos sobre a telenovela, essa memória discursiva ocupa um lugar de destaque. Em outras palavras, para que faça sentido, os dizeres de Perpétua precisam atualizar uma rede de memória, que, nesse caso, seria aquela que concebe a televisão/telenovela como algo nocivo à família, à moral cristã. De forma análoga, alguns enunciados sobre as telenovelas também tendem a restringi-las apenas a tese de que tais produtos reproduzem a ideologia dominante, dada a sua onipresença do ponto de vista mercadológico. (LOPES, BORELLI & RESENDE, 2002).

É necessário não deixar de mencionar o caráter metalinguístico que esses dizeres assumem no contexto em que são produzidos, haja vista que são veiculados pela TV, por meio de uma telenovela. Mas, o que nos interessa a partir da análise dessa cena é que os resquícios dessa fala de Perpétua estão presentes na base das críticas feitas pelos leitores dos comentários *online* que constituem o *corpus* dessa investigação. Esses discursos trazem à tona uma memória discursiva norteadora das críticas endereçadas às telenovelas, desde que esse produto televisivo ganhou a importância que goza atualmente na produção televisiva brasileira.

Observemos, pois, as sequências discursivas (SD) abaixo, para apresentar posteriormente nossas considerações:

SD01:⁸ “Por carência de criatividade, ou mesmo falta de talento, de há muito tempo os bordeis pululam as cabeças dos nossos precários dramaturgos que não concebem nada de edificante e assim nos castigam, “ad eternum”, com suas “obras primas” – leia-se pornochanchadas de péssima qualidade. São paupérrimos enredos que de tanto repetitivos, enjoativos, extrapolam o nosso limite de tolerância ao que é de mau gosto. É deprimente termos que tolerar esses folhetinescos concebidos pelos ditos “consagrados” autores. Pior é que se acham legítimos retratistas da nossa sociedade. Enganam-se! Temos algo bem melhor, vocês, por péssimos observadores, é que não descobriram!” (Hildeberto Aquino, grifo nosso)

SD02: Me desculpem, mas uma Gloria Menezes é uma Glória, nesse elenco ninguém passa credibilidade, são muito ruins, começando pelo ator principal, muito cheio de firulas, logo estará sem camisa, como sempre fêz! Novela é o circo do brasileiro que gosta também de pão! Defenestremos esse produto de nossa televisão! (Mario Pere, grifo nosso)

SD03: Este país não é sério e seu povo é totalmente manipulado. O absurdo: manipulado por uma única pessoa: o autor de um texto onde escreve o que bem entender e milhões param para ver o que escreveu, muitas vezes sem lógica e com muitos absurdo tornando o povo demente. Só neste país fajuto! Nunca seremos 1º mundo! Os estrangeiros riem do povo desinformado deste país! (Eduardo Sousa, grifo nosso)

Os leitores da Folha de São Paulo que comentam as notícias publicadas no *site* desse jornal, cujos comentários expomos anteriormente, situam seus dizeres no sentido de enfatizar a má qualidade das telenovelas brasileiras e as funestas inflexões que exercem sobre a cultura nacional. O sujeito da terceira sequência discursiva assevera que “nunca seremos 1º mundo”, uma vez que o povo é manipulado de maneira constante pelos mandos e desmandos do autor da novela. De maneira similar, o sujeito da primeira sequência discursiva questiona a acentuada exploração do bordel em tramas atuais (as novelas *Salve Jorge* e *Gabriela*, conforme já mencionamos).

Essa “coincidência” de cenários, segundo o leitor, denuncia a falta de preparo dos autores, ao mesmo tempo em que castigam o leitor a aturar situações deprimentes e “pornochanchadas de péssimas qualidades.” Embora não explicitamente, essa atitude depreciativa em relação aos bordéis das telenovelas pode evidenciar que o leitor acredita que a função do bordel, enquanto algo que atrapalha o modelo de família vigente, acaba sendo encarado como um

⁸ Os comentários *online* que compõem o *corpus* dessa investigação foram coletados *ipsis litteris*, de maneira a preservar as especificidades da escrita virtual.

retrato da sociedade, podendo também engendrar uma imagem estereotipada do país. Desse modo, há em ambos os excertos uma preocupação com a preservação da imagem do país, da família, o que nos reporta à memória discursiva das organizações de cunho religioso e tradicional que defendem a tradição, a família e a propriedade. Essa visão moralista, conforme aponta Martín-Barbero (2008, p.295), concebe a telenovela como um elemento corruptor das tradições familiares, como uma influência nociva à educação das crianças e dos jovens.

No segundo excerto, quando o leitor critica o elenco da novela *Salve Jorge*, uma vez que a notícia já enfocara a repetição de atores em novelas da autora Glória Peres, ele o faz de modo a destacar que o ator a que se refere – Rodrigo Lombardi – logo estará sem camisa, como é de costume.⁹ O fato de estar sem camisa, segundo o leitor, significa dizer que o ator, para que possa fazer sucesso, precisa exibir o corpo, em face de uma atuação deficiente. Aqui podemos notar vestígios de um discurso que condena a exposição do corpo na TV, anteriormente exemplificado nos dizeres da personagem Perpétua.

Em seguida, o leitor afirma que a novela é “o circo do brasileiro que também gosta de pão.” Essa referência direta à política do *panem et circenses* dos romanos (GUARINELLO, 2007, p. 129) que postulava o provimento de comida e diversão para a população, a fim de atenuar a insatisfação popular contra os governantes, revela que o leitor crê que a sociedade brasileira, tal qual os romanos, pouco se interessa por questões que transcendem os limites da alimentação e da diversão, o que mais uma vez reitera a tese da manipulação da telenovela, daí o desejo do leitor de expurgá-la da TV.

Para conferir coerência ao seu dizer, e, com isso, produzir determinados efeitos de sentido, o produtor do comentário recorre à memória discursiva, a discursos outros, mais especificamente por meio do enunciado *pão e circo*, que acaba por historicizar esse discurso, situando-o na relação com um já-dito. Nesse ponto, o enunciado *pão e circo* demarca o real histórico, concebido como “uma remissão necessária ao outro exterior, quer dizer, ao real histórico como causa do fato de que nenhuma memória pode ser um frasco sem exterior.” (PÊCHEUX, 1999, p. 56).

⁹ O leitor possivelmente se refere à personagem de Rodrigo Lombardi na novela *Pé na Jaca* (2006), do autor Carlos Lombardi, em que tal personagem ficava sem camisa com certa frequência. Aliás, esse fato é recorrente nas telenovelas de Carlos Lombardi, daí o leitor associar, de maneira generalizada, a figura do ator Rodrigo Lombardi com essa regularidade em relação a pouca vestimenta das personagens masculinas nas obras daquele autor.

Nas sequências discursivas abaixo transcritas é possível notar a emergência de certo posicionamento ideológico do produtor do comentário, no momento em que disserta sobre as telenovelas:

SD04: É extremamente complicado entrar na página inicial de um jornal desse porte e ver este tipo de coisa tão inútil com tanta intensidade! (João Bonfante Junior)

SD05: Como diz o (chefe do mensalão) LULA, o povo não se preocupa com corrupções e sim quem matou quem na novela da globo e assim caminha o povo brasileiro, é vida de gado, os políticos deste país, principalmente os petistas, devem agradecer muito a rede globo. (José Morais)

Na primeira sequência discursiva, o leitor põe em xeque a credibilidade e a imagem do jornal, a partir do momento em que este noticia com veemência acerca da telenovela. Assim, para o leitor, um jornal “daquele porte” não deveria dar tanta ênfase a um produto que pouco (ou nada) acrescenta aos consumidores desse veículo midiático.

Dessa maneira, o leitor reconhece que a telenovela, denominada por ele como “esse tipo de coisa”, não deveria aparecer com tanta frequência e tamanha intensidade, como o foco dos noticiários, uma vez que há fatos mais relevantes que poderiam ser explorados. Esses dizeres demonstram uma decepção por parte do leitor em relação ao jornal, ao mesmo tempo em que trazem à tona a imagem que o autor do comentário faz do público que lê a *Folha de São Paulo*, ou seja, um seletivo grupo de pessoas esclarecidas que não têm tempo (ou não deveriam ter) para se informar a respeito das “inutilidades” das telenovelas brasileiras, consideradas como um subproduto da cultura de massa, e que não deveriam ocupar lugar de destaque num jornal com tamanha influência.

O leitor da sequência seguinte cita o discurso indireto do ex-presidente Lula, denominado de “chefe do mensalão”. Segundo o leitor, Lula teria afirmado que o povo brasileiro prefere desvendar o mistério do “quem matou”¹⁰ das telenovelas a se preocupar com as questões políticas, mais precisamente com os vários escândalos de corrupção eclodidos na política nacional. A seguir, o leitor evidencia que os políticos de um partido específico (o PT), anteriormente representado pela referência a Lula, devem ser gratos à emissora que produz as

¹⁰ Recurso utilizado com frequência pelos autores das telenovelas, no objetivo de prender a atenção do telespectador e, com isso, atingir altos índices de audiência. (MAYER, 2010, p.21).

telenovelas, pois é por meio destas que o público se entretém, e que, anestesiado pelos conflitos das tramas, evade da realidade, dos diversos problemas sociais e políticos existentes no país.

A partir destas considerações, pode-se perceber mais uma vez a tese de que a telenovela é responsável pela alienação e pelo “empobrecimento” intelectual dos telespectadores. Aliada a essa tese, o autor do comentário *online* manifesta uma posição de repúdio aos membros do PT, mais especificamente à figura de Lula, associando a imagem do presidente à falta de interesse do povo brasileiro em relação à corrupção, dada a predisposição desse povo em acompanhar os diversos conflitos inerentes às produções teledramatúrgicas, em vez de se importarem com os problemas políticos do país.

Os enunciados sobre a telenovela, neste caso, encontram-se atravessado por discursos que denotam determinada posição política, fazendo-nos pensar com Gregolin (2007, p.167), a noção de que todo discurso acontece no interior de uma série de outros discursos, com os quais estabelece co-relações, deslocamentos, vizinhanças. Trazendo essa assertiva para a questão do enunciado, comungamos com Foucault (2010, p.112), quando compreende que não há enunciado que não suponha outros. Desse modo, entendemos que não há nenhum enunciado que não tenha, em torno de si, um campo de coexistência. Assim, os enunciados relativos à telenovela trazem à baila outros enunciados que apontam, por exemplo, para um posicionamento político, como no caso do exemplo analisado anteriormente.

A fim de descrevermos/interpretamos a discursivização da telenovela, analisemos as sequências discursivas a seguir:

SD06: Além de causar mal estar em casa pelo seu baixo nível educacional o ambiente de novelas ainda desagrega casais. Deveria haver um canal específico para quem deseja ver essa porcaria. O pior é que te (sic) gente que além de ver, ainda deixa seus filhos verem esse tipo de baixaria e deseducação. (Antonio Carlos, grifos nosso)

SD07: Sinceramente eu nunca vi nada mais nojento do que esta novela, cenas ridículas (sic), falcatruas, traição, roubo, morte, prostituição, meus deus algo totalmente sem cultura, sem nada para aproveitar, apenas coisas ruins, tragédias, um final, horroroso, sem sentido, uma verdadeira baixaria, por esse exemplo de novela que o mundo está cada x mais perdido, as pessoas assistem essas maldades e acham que na vida real isso funciona, na novela tudo acaba em pizza, o cara rouba, mata, etccc. (sic) e foge num jatinho. (Rose Marcello, grifo nosso)

SD08: Quer saber uma coisa véio?, esse negócio de ver casalzinho de novela se beijando com juras de amor eterno já encheu o saco!!!!. Sabe qual é a melhor parte da novela?, quando termina e começa o futebol!!!! (Maurício Saavedra)

É possível notar nos excertos acima efeitos de sentido associados às marcas do discurso exemplificado anteriormente pela personagem Perpétua, mais precisamente a noção de que a telenovela constitui uma perniciosa influência para os jovens e para a família de uma forma em geral, posto que na SD06 o leitor condena os pais que deixam os filhos assistirem a “esse tipo de baixaria e deseducação.” Esses vestígios alojados no intradiscurso e materializados por meio dos termos “baixaria” e “deseducação” reiteram a memória discursiva que condena as telenovelas e as considera como uma afronta ao modelo de família tradicional, ancorado na tradição cristã.

Complementando esse discurso, a leitora da SD07 enumera os malefícios da novela *Avenida Brasil*, escrita por João Emanuel Carneiro, para a sociedade. Segundo essa leitora, a novela acaba por induzir as pessoas à delinquência e ao crime. A partir desse raciocínio, o aumento e/ou midiatização da violência ou ainda o fato de “o mundo está cada x mais perdido” está diretamente relacionado com a exploração acentuada de atitudes negativas e de impunidade que a telenovela põe em cena. A autora considera a novela “nojenta” e revela que os problemas nela enfocados podem acentuar os diversos problemas reais dos grandes centros urbanos. Neste sentido, o fato de “tudo acabar em pizza” nos enredos das telenovelas favorece ainda mais os inúmeros casos de impunidade que a mídia traz à tona com frequência. A internauta compreende os telespectadores como sujeitos passivos em relação à influência da telenovela, enquanto um produto da cultura midiática.

No último excerto selecionado para essa análise é possível entrever na trama discursiva tecida pelo sujeito do comentário uma determinada posição de sujeito que se encontra atrelada às representações de gênero culturalmente construídas no que concerne à preferência por determinados produtos televisivos.

Dessa maneira, é comum associar à telenovela, embora isso não seja uma “verdade” indubitável, ao público feminino, enquanto o futebol é relacionado aos homens. Nesse contexto, o sujeito denota a posição-sujeito a partir da qual enuncia, no momento em que opina sobre a telenovela. Ao afirmar que o romantismo a florado dos “casalinhos” já “encheu o saco” o sujeito demonstra não ter disposição para assistir à abordagem muitas vezes excessiva que a telenovela dispensa aos conflitos amorosos, uma vez que (quase) todas têm um relacionamento amoroso como o *leitmotiv* da narrativa, devido ao fato de o gênero telenovela amparar-se no melodrama como o elemento norteador no desenvolvimento do enredo (JUNQUEIRA, 2009, p. 81). Nessa medida, o sujeito do comentário *online* admite, com uma finalidade cômica, que

a melhor parte da novela é quando esta termina e iniciam as transmissões do futebol, assinalando, pois, uma preferência por esta última atração.

Esse sujeito lança mão de uma memória discursiva relativa à questão das representações de gênero e ao gosto por certos produtos televisivos (telenovela e futebol) e, desse modo, evidencia a posição sujeito com a qual se identifica. Para Foucault (2010, p.105), descrever um enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse, mas em determinar qual a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito. No que concerne à posição adotada pelo sujeito do último excerto, acreditamos que, para que um indivíduo possa vincular-se a ela, ele necessita compactuar, por exemplo, com a tese de que homem só gosta de novela quando esta acaba e começa o futebol.

Comentários (in)conclusivos

Neste artigo, estabelecemos como objetivo analisar os enunciados advindos de comentários *online* produzidos sobre notícias que exploravam, em alguma medida, as telenovelas brasileiras, publicadas no *site* do Jornal *Folha de São Paulo*. De um modo mais específico, objetivávamos descrever/interpretar os enunciados presentes nos discursos sobre as telenovelas, para investigarmos as redes de memória e os efeitos de sentido a que os leitores da *Folha* se vinculam a fim de produzirem dizeres, em conformidade com as posições de sujeito que ocupam. Partimos da noção foucaultiana de discurso e enunciado, do conceito de memória discursiva postulada por Michel Pêcheux, bem como dos desdobramentos que tais conceitos incutiram sobre os construtos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa.

Dentre esses desdobramentos encontramos respaldo no conceito de arquivo proposto por Foucault (2010, p.147). Assim, no arquivo dos discursos acerca da telenovela selecionamos uma cena da novela *Tieta*, na qual a personagem Perpétua (Joana Fomm) se posiciona de maneira contrária à chegada da TV em Santana do Agreste. A tessitura discursiva dos dizeres daquela personagem atrela-se a um domínio da memória discursiva que concebe a TV e, por conseguinte, a telenovela como uma ameaça à constituição familiar, sob o olhar da tradição cristã. Esse domínio de memória sustenta alguns dos discursos produzidos pelos sujeitos dos comentários *online*, conforme constatamos no gesto de leitura lançado sobre o *corpus*.

Assim, para debaterem sobre as notícias publicadas a respeito das telenovelas os sujeitos dos comentários *online* trazem à tona outros discursos, de modo que assinalam a heterogeneidade desses discursos. Noutras palavras, os sujeitos retomam enunciados que nos

remetem ao discurso de proteção à família e à pátria, perfilam determinados posicionamentos políticos, bem como reiteram algumas representações sociais que definem as preferências em relação às atrações televisivas, com base no gênero dos telespectadores. Em suma, essa heterogeneidade discursiva corrobora o fato de que o enunciado se “integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja.” (FOUCAULT, 2010, p. 112).

Convém ressaltar que o sujeito do comentário *online* opina sobre as notícias publicadas no *site* da Folha sem demonstrar preocupações em relação ao que os demais possam achar, posto que a possibilidade do anonimato autoriza os sujeitos a agirem dessa forma. Apesar de os comentários passarem pelo crivo de uma espécie de moderador que seleciona aqueles que serão publicados, os produtores deste gênero possuem uma relativa liberdade para produzirem seus discursos, o que interfere sobremaneira na constituição dos seus dizeres.

Neste contexto, vale reiterar que durante a análise foi possível entrever que o sujeito do comentário *online* relativiza a relevância que o jornal possui no cenário midiático, tendo em vista o espaço dispensado às notícias sobre as telenovelas, descortinando os juízos de valor que esse sujeito confere às produções da teledramaturgia brasileira. É possível refletir a partir dessas análises que, no bojo dos discursos sobre as telenovelas, outras vozes, inúmeros já-ditos e por dizer se confluem, interpenetram-se, de maneira a asseverar a multiplicidade de práticas e de posições de sujeito que emolduram as movências de sentidos e as redes de memória intrínsecas a toda manifestação discursiva.

Referências

BALEIRO, Z. **Tevé**. Disponível em: <http://www.kboing.com.br/zeca-baleiro/>. Acesso em: 20. dez. 2012.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 2004.

COURTINE, J. J. **Analyse du discours politique**. Le discours communiste adressé aux chrétiens. In. *Langages*, 62, 1981.

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. Trad. Rogério da Costa. São Paulo :Iluminuras, 2005.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz F. B. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. São Paulo: Vozes, 1987.

GREGOLIN, M. R. V. Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais do sentido: mídia e produção de identidades. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

GUARINELLO, N. L. Violência como espetáculo: o pão, o sangue e o circo, **História**, v.26, n.1, 2007. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/his/v26n1/a09v26n1.pdf>. Acesso em 20. dez. 2012.

HENRY, P. A história não existe? In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gesto de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

JUNQUEIRA, L. **Desigualdades sociais e telenovelas**: relações ocultas entre ficção e reconhecimento. São Paulo: Annablume, 2009.

LE GOF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LOPES, M. I. V.; BORELLI, S. H. S.; RESENDE, V. R. **Vivendo com a telenovela**: mediações, recepções, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso** – (re)ler Michel Pêcheux hoje. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2003.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito & Sérgio Alcides. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

MAYER, C. **Quem matou**: o romance policial na telenovela. São Paulo: Annablume, 2010.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. Editora da PUC-SP, 1981.

ORLANDI, E. P. **Introdução às ciências da linguagem** – discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

_____. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

_____. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.

REDE GLOBO. **Guia Ilustrado da TV Globo**/novelas e minisséries. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.

SARGENTINI, V. A noção de formação discursiva: uma estreita relação com o *corpus* da análise do discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. 2. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

SILVA, F. P. Arquivo e memória na descrição/interpretação de enunciados. IN: SILVA, A. M.; SILVA, F. P.; SANTOS, I. O.; COSTA, M. E. (Orgs.). **De memória e de identidade**: estudos interdisciplinares. Campina Grande: EDUEPB, 2010.

SILVA, A.; MORETZSOHN, A. M.; LINHARES, R. **Tieta**. Rede Globo, novela das 21 h, 1989. [Edição Especial da novela original, adaptada para o formato DVD, 2012].

Artigo recebido em: 24.02.2013

Artigo aprovado em: 29.04.2013